

BAUMAN, Zygmunt, *Identidade – entrevista a Benedetto Vecchi*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005 (Tradução de Carlos Alberto Medeiros).

Resenhado por Nina Saroldi<sup>1</sup>

## **Identidades no bazar**

Em entrevista concedida por e-mail ao jornalista italiano Benedetto Vecchi, Zygmunt Bauman reproduz, em torno do tema *identidade*, sua *démarche* habitual: faz das lutas pelo reconhecimento de identidades nacionais, étnicas ou culturais, ou da luta do indivíduo pela afirmação de seu “eu” singular, um mote em torno do qual traça um panorama da vida contemporânea, denominada por ele de “modernidade líquida”.

Tanto os leitores que o admiram quanto os que querem conhecê-lo se beneficiam do caráter “leve” e, de certa forma, didático do “livro-entrevista”. Nas respostas ao entrevistador Bauman retoma, às vezes textualmente, argumentos de obras anteriores como o “Amor Líquido” e “Comunidade”. Deste modo, é possível fazer da entrevista uma espécie de introdução ao pensamento de Bauman ou, no caso do leitor já familiarizado com o mundo “líquido” de um dos maiores sociólogos vivos, relembrar argumentos expostos em outro contexto.

Logo no início Bauman se detém em sua própria história de vida, marcada pela guerra, pelo exílio e pelo judaísmo. Revela nunca ter dado atenção ao tema da identidade, pelo menos em sua faceta de identidade nacional, antes de 1968, quando teve seu “polonesismo” posto em questão. A propósito de sua condecoração como doutor *honoris causa* na Universidade Charles, de Praga, mais de trinta anos depois, Bauman se defronta com sua situação de judeu polonês exilado e de inglês naturalizado. Segundo um antigo costume, o hino do país da pessoa que recebe o título é tocado na cerimônia. Em seu caso, que hino escolher, o do país que o expulsou, sua Polônia natal, ou o da terra que o abrigou, onde pôde lecionar e desenvolver seu pensamento? Sua saída foi a construção de uma “nova” identidade, que contivesse as duas e o livrasse da difícil escolha: o hino da união

---

<sup>1</sup> Doutora em Teoria Psicanalítica pela UFRJ, pesquisadora associada da FAPERJ no Departamento de Serviço Social da PUC-Rio.

européia. A opção, segundo o próprio Bauman, foi ao mesmo tempo “includente” e “excludente”: primeiro por referir-se a uma entidade que abrigava as duas possibilidades que lhe eram oferecidas e segundo porque de certa forma anulava, tornando pouco relevantes, as diferenças entre ambas. Sua identidade deixava de se definir, desta feita, em termos de nacionalidade. Ele descobriu-se, afinal, um europeu em todos os sentidos do termo: lá nascido, criado, feito homem e profissional, a Europa lhe dava a perspectiva através da qual percebia o mundo. Este episódio, afirma Bauman, serve de ilustração aos dilemas e escolhas que fazem do tema “identidade” algo tão inquietante e controverso.

Zygmunt Bauman demonstra que o problema da identidade só existe para quem a perdeu, para nós, líquidos habitantes do mundo ocidental que não sabem bem que cultura adotar, que roupa vestir ou em que deus acreditar...É a própria possibilidade de escolha que nos priva da identidade no sentido pré-moderno, do sentimento de pertencimento que evita qualquer dúvida a respeito de nosso lugar na sociedade. O problema da construção da identidade surge a partir do declínio das comunidades que se mantêm unidas “do berço ao túmulo”. Mais recentemente, o declínio dos Estados nacionais, e sobretudo daquilo que estes significavam em termos de proteção para o indivíduo, torna mais aguda a sensação de falta de laços comunitários e de pertencimento a uma comunidade, ainda que fosse a coletividade abstrata representada pelo Estado de Bem-estar social. Tanto as comunidades primitivas quanto esta modalidade declinante de Estado garantiam aos cidadãos uma espécie de seguro coletivo contra infelicidades individuais: a doença, a incapacidade temporária ou permanente de se manter, a falta de talento para competir etc.

A insegurança criada por este quadro, agravada pelo caráter aparentemente aleatório da transferência de capitais, empregos e competências de uma parte do globo a outra, a mudança caleidoscópica dos “cenários”, tende a tornar a identidade uma questão permanentemente em pauta para nós, habitantes do mundo “líquido”. Migrantes e refugiados produzidos pelo processo de globalização vivem este problema de modo mais agudo, sem dúvida, e são totalmente privados das benesses que podem ser encontradas no mundo cosmopolita de identidades em constante reformulação. Diante da atualidade da questão, afirma Bauman, seria injusto pedir aos pais espirituais da sociologia – Durkheim, Weber e Georg Simmel – que lançassem alguma luz sobre ela. Mesmo Simmel, que

Bauman declara ser seu mestre e ideal inatingível, não poderia ter refletido sobre um tema que se estabeleceu em nossa consciência muito tempo depois de sua morte.

A discussão da identidade permite a entrevistado e entrevistador a retomada de temas importantes na obra de Bauman, tais como o paradoxo entre a necessidade de segurança representada pelos anseios comunitários (que exigem uma parcela da liberdade individual) e a concomitante avidez em realizar as promessas da sociedade de consumo; promessas estas associadas ao narcisismo, ao individualismo e à capacidade de renovar-se sem contar com os outros. Na esteira deste assunto segue-se a análise da fluidez das relações familiares e amorosas, da intensificação das relações virtuais – inclusive por meio da criação de “comunidades virtuais” – em detrimento da “coisa concreta”, do “olho no olho”, para o qual nunca estamos suficientemente preparados. Perto do contato e dos compromissos afetivos reais, os virtuais têm a vantagem de poderem ser facilmente descartados. A tendência, não só no campo do afeto como no campo do trabalho, é que “relações” sejam cada vez mais substituídas por “redes”, das quais a saída é, ao menos em princípio, menos traumática.

Bauman trata também do advento do nacionalismo como reação ao enfraquecimento do Estado moderno e reforça a tese, repetida em quase todos os seus pronunciamentos, de que a grande cilada da modernidade líquida é a busca de soluções biográficas (ou étnicas, no caso dos nacionalismos) para problemas sistêmicos. Mesmo a barbárie nos Bálcãs é interpretada desta forma, e percebemos como guarda relação com todas as outras formas que conhecemos de “crise social”, inclusive a que vivemos no Rio de Janeiro.

Bauman denuncia a ascensão dos fundamentalismos como uma espécie de terapia contra a insegurança endêmica no mundo globalizado. Com a ressalva de que este não é o melhor remédio, reconhece seu triunfo pelo fato de ser o único disponível, sobretudo para a grande massa dos excluídos da farrá consumista. Para os que se ressentem pelo modo como são tratados pelos mais abastados, os fundamentalismos oferecem uma certeza protetora e produtora de dignidade e auto-afirmação. Num mundo que nega aos mais pobres um lugar razoável na ordem das coisas, algumas congregações oferecem serviços e assumem obrigações outrora assumidas pelo Estado, retirando parcelas excluídas da população da obscuridade e dando-lhes um motivo para viver, apesar de tudo.

Outra denúncia importante da entrevista, feita já de modo extenso no livro “Comunidade”, é a da indiferença das elites em relação ao destino do povo – expressa na adoção do “multiculturalismo” como pensamento dominante entre a esquerda e os intelectuais. Sendo a *diferença* alçada ao posto de virtude por si mesma, pelo simples fato de ser *diferente*, abre-se caminho para um “vale-tudo” ético no seio das elites que revela, no fundo, uma profunda *indiferença* por tudo o que não diga respeito ao seu próprio umbigo, ou seja, por tudo que não afete a manutenção de seus privilégios e de sua tão estimada liberdade de ir e vir, virtual ou efetivamente, de preferência em aviões ou helicópteros. Nunca na História, adverte Bauman, a elite abriu mão de ditar regras a respeito do que seria bom para todos, de conduzir as massas ao lugar aonde ela chegou na escala civilizatória, nunca a dimensão da Humanidade em seu sentido plenamente inclusivo (o de Kant) esteve tão abandonada. “Os africanos são miseráveis e usam roupas coloridas, isto faz parte de suas peculiaridades étnico-culturais sobre as quais não devemos intervir...”. E vamos para o próximo parque temático...

Para terminar (e antes que alguém peça a corda para se enforcar...), Bauman afirma que ser contrário à globalização seria tão tolo quanto ser contrário a um eclipse do sol. Atingimos um ponto de não-retorno, em suas próprias palavras, “ou nadamos juntos ou afundamos juntos”(p.95). E justamente por estarmos cada vez mais co-dependentes, e ao mesmo tempo igualmente vulneráveis em relação às forças globais descontroladas, precisamos pô-las, juntos, sob o signo de princípios éticos verdadeiramente inclusivos que tornem possível a coabitação humana pacífica e a justiça social. Do veneno da globalização pode se originar seu antídoto; de acordo com Bauman, a humanidade nunca teve uma oportunidade melhor. Aproveitemo-la!